Isto já se revela de forma concreta: de acordo com a Conab, os estados centrais deverão sofrer acréscimos importantes na área plantada desta próxima safra, devendo Mato Grosso registrar 45% de expansão e Goiás, 50%; o mercado paulista, tradicionalmente bloqueado para o arroz de sequeiro comum, parece se mostrar receptivo para as variedades agulhinha de sequeiro. Levando em conta a excelente comercialização do produto em 1998, tudo colabora para as expectativas otimistas quanto ao plantio no Centro-Oeste na próxima safra.

Arroz na terra do arroz

No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional e responsável por cerca de 45% da produção brasileira, os produtores estão bastante animados. O resultado econômico muito bom da última safra vem sendo amplamente noticiado pelos órgãos de imprensa.

De acordo com os organizadores da Expointer, feira agropecuária que acontece em Esteio (RS) entre o final de agosto e início de setembro, os arrozeiros foram os produtores que mais compraram máquinas no último evento, sinalizando que a recapitalização da classe está permitindo uma renovação do parque estadual de máquinas – tratores, colheitadeiras, pulverizadores etc.

Uma conferida nos preços recebidos em 1998 justifica bem a euforia do produtores: enquanto a média em dólar oscilava entre US$10,8 e US$12,5/saca de 50kg no período 1994-97, em 1998 os preços estiveram bem acima desses patamares: entre US$14,50 e US$17,00 por saca no período principal da comercialização. Um crescimento significativo em termos de rentabilidade econômica por unidade, supondo que o custo total por saca fique em torno de US$10,4/saca.

As cotações no nível do produtor alcançaram patamares ainda superiores, atingindo até US$19,50/saca, embora se saiba que, quando o mercado chegou a esse nível de preços, a quantidade disponível para venda já estava bastante reduzida.

O plantio no Rio Grande do Sul já está bem adiantado e é provável que a colheita se dê mais cedo no próximo ano. Até a primeira quinzena de novembro, 66% da área estadual já havia sido semeada, totalizando 613 mil hectares contra 252 mil cultivados na mesma época do ano passado. Segundo consultores privados, o plantio pode estar finalizado no início de dezembro, quando se encerra o período preferencial segundo o zoneamento agroclimático.

A expectativa com relação ao clima na região Sul é das melhores. La Niña provoca clima seco e forte luminosidade – fator de grande importância para a cultura do arroz.

Como os produtores vêm seguindo cuidadosamente a recomendação técnica de antecipar ao máximo o plantio das variedades de ciclo médio e todos os fatores favoráveis à produção estão se conjugando, é possível acreditar em uma colheita concentrada e precoce.

Para o mercado internacional, as previsões indicam que as exportações poderão decrescer bastante em 1998, em função de recuperação das safras na Indonésia e nas Filipinas, que importaram muito em 1998, e também pela provável redução das compras brasileiras, caso a safra total confirme os prognósticos otimistas.

Para contrabalançar, no entanto, sabe-se que os estoques mundiais estão baixos, o que pode contribuir para a formação de preços ainda bem atraentes para o cereal em 1999, tanto no plano externo quanto no interno.

E-mail: elileite@fgv.br

SAFRA DE VERÃO

FEIJÃO

Recuperação possível

É forte a intenção de plantio para todos os tipos de feijão, o que não significa efeito proporcional sobre a área

ELIANA LEITE

Confirmando o dito popular de que "o produtor rural lucra mesmo é com o prejuízo do vizinho", 1998 foi um ano excepcional em termos de remuneração para o plantador de feijão. A safra brasileira foi péssima, o pior resultado dos últimos anos, atingindo 2,9 milhões de toneladas no total das variedades, o que representa um desempenho igual ao de 1992.

O motivo para o fracasso está relacionado à seca no Nordeste e ao excesso de chuvas na região Sul – artes de El Niño.

Preços não caem muito

A escassez fez com que os preços subissem muito, nos três níveis da comercialização. Em junho, os preços ao produtor bateram impressionantes R$110,00/saca 60kg, refletindo o forte impacto das perdas da segunda safra.

Depois as cotações foram perdendo fôlego, até porque o ciclo breve do feijão permite que os produtores absorvam o estímulo de preços altos e respondam rapidamente com mais plantio, ofertando produto novo em um espaço de tempo relativamente curto (três meses depois). Além disso, normalmente os plantios do meio do ano são irrigados, o que favorece a normalização do abastecimento no segundo semestre.

Esses produtores por sua vez quase sempre administram bem a colocação do produto no mercado. Mais capitalizados, sua facilidade de acesso à infra-estrutura de armazenagem e comercialização ajuda ainda mais a contrabalançar a pressão de venda, dando nova sustentação aos preços. Assim, embora o mercado não houvesse sustentado por muito tempo cotações próximas a R$100,00/saca 60kg (no nível do produtor), os preços continuaram a ser praticados em níveis elevados.

O bom desempenho dos preços nos faz sempre pressupor que haverá uma espécie de corrida para o produto, especialmente para o grão preto, cuja oferta brasileira é sempre deficitária e cujos preços recentes têm sido realmente atraentes. Mas apesar da forte intenção de plantio para todos os tipos de feijão, não se pode prever um efeito proporcional sobre a área.

Crédito difícil e teimosia

Inúmeros problemas estruturais afetam a lavoura de feijão. Recente relatório da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (Cepa) de Santa Catarina mostra que o produtor de feijão ainda se ressente da falta de acesso ao crédito agrícola, da elevada vulnerabilidade do sistema sequeiro (predominante) às adversidades climáticas e da ausência de uma comercialização mais bem organizada e que o favoreça um pouco mais.

Há aqui um ponto bastante importante. Parece existir também uma certa teimosia do produtor rural em aceitar tecnologias que lhe permitam ser mais eficiente ou até mesmo diferenciado (entrando na produção orgânica, por exemplo). Por motivos de ordem cultural, é muito complicado convencer os produtores a aceitarem técnicas mais apropriadas, o que limita sua capacidade de competir com o produto importado, que chega barato e bom.

No Paraná, alguns empresários do ramo cerealista descrevem o abandono da lavoura por parte da geração mais nova. Seus filhos não aceitam continuar a atividade dos pais, desistindo do campo e migrando para os centros urbanos. Sabem que seus antepassados lutaram demasiadamente para obter resultados às vezes nem tão compensadores assim. Os produtores que permanecem na cultura são os de mais idade, de mentalidade mais conservadora e portanto menos flexíveis às inovações técnicas e às opiniões dos extensionistas rurais.

Com a baixa eficiência econômica resultante, a lavoura vai perdendo produtividade e área nas regiões tradicionais, permitindo que os importadores fortaleçam ainda mais suas posições comerciais. O resultado é desalentador: gasto de preciosas reservas cambiais, desemprego, êxodo rural e outras conseqüências conhecidas por todos.

Assim, apesar do grande alento da comercialização passada, a área de cultivo da primeira safra 1998/99 deverá sofrer expansão de apenas 5,2% em relação à anterior e atingir 1,3 milhão de toneladas. Supondo uma repetição das duas safras antecedentes, o total projetado para 1999 alcançará 3,2 milhões de toneladas – um retorno ao patamar de cinco anos atrás.

E-mail: elileite@fgv.br

SAFRA DE VERÃO

MILHO

Em boa hora

IRENE RAGUENET TROCCOLI

A primeira safra ficaria perto de 29 milhões de toneladas, sugerindo produção total de 34 milhões, se a safrinha vier a ser de 5 milhões.

Foi oportuno o aumento da oferta, já que o nível do estoque inicial não passava de 2,2 milhões de toneladas

Cresce a área semeada com o milho no Centro-Sul do Brasil na safra 1998/99 em relação à temporada anterior. Segundo dados de outubro da Conab, a superfície ali coberta com o cereal deverá ser de 7,1 milhões de hectares, ou 5,3% acima do verificado um ano antes.

O avanço da produção deverá ser um pouco mais acentuado, devido à recuperação esperada sobre o rendimento físico, caso as condições climáticas se mantenham favoráveis.

A colheita deve chegar a 25,3 milhões de toneladas, um aumento de 9,3% sobre a quantidade obtida na região em 1997/98. Caso o Norte-Nordeste alcance os 3,3 milhões de toneladas projetados, a primeira safra de milho no país ficaria perto de 29 milhões de toneladas, sugerindo produção total de 34 milhões, se a safrinha vier a ser de 5 milhões.

Essa perspectiva de aumento da oferta chega em muito boa hora, já que o nível do estoque inicial calculado pela Conab para a temporada não passava de 2,2 milhões de toneladas – o menor desde a temporada 1991/92. A projeção de preços mais aquecidos devido a este reduzido remanescente foi um dos motivos pelos quais o campo respondeu positivamente ao plantio do cereal. A tendência foi reforçada pelas perspectivas menos atraentes para a comercialização da soja no próximo ano.

O abastecimento do milho a curto prazo deverá ser favorecido pela decisão governamental de liberar os leilões do produto, sistemática que deve ser mantida até o fim de janeiro. O aumento sazonal da demanda por parte da avicultura e da suinocultura no final do presente ano não deverá passar por maiores problemas, até porque as altas taxas de juros devem dificultar o aumento do consumo.

E-mail: iragtroc@fgv.br

Brasil: milho, safra total e segunda safra

Área, produção e rendimento físico – anos-safra 1991/92 a 1997/98 – em ha, t e kg/ha

	Área colhida		*Produção*		*Rendimento*	
Ano	*Safra total*	*2ª safra*	*Safra total*	*2ª safra*	*Safra total*	*2ª safra*
1991/92	13.363.609	863.295	30.506.127	1.460.219	2.283	1.690
1992/93	11.870.763	1.121.074	30.051.333	2.265.682	2.532	2.020
1993/94	13.747.739	1.422.399	32.487.400	2.316.828	2.363	1.630
1994/95	13.960.016	1.643.670	36.274.584	3.501.668	2.599	2.130
1995/96	11.974.870	1.240.461	29.904.751	2.401.751	2.500	1.935
1996/97	13.556.070	2.089.875	34.601.865	4.047.538	2.550	1.936
1997/98	10.915.727	2.159.154	29.900.317	5.011.143	2.740	2.320

Fonte: IBGE.